

CAPÍTULO 1

A primeira vez que a vi, ela estava sentada em cima de um muro de pedra que cercava o recreio do lado oeste. Inclinada para trás com uma perna esticada e o cabelo escuro caindo-lhe, abundante, pelas costas abaixo, tinha os olhos fechados e o rosto virado para o sol. A pose dava-lhe uma aura de estrela de Hollywood há muito esquecida e foi isso que me chamou a atenção, uma vez que não podia ter mais de seis ou sete anos.

Passei por ela e subi o caminho até à escola. Ao ver-me chegar, o director, Bob Christianson, saiu do gabinete.

— Ena, espectacular — bradou cordialmente, dando-me uma palmadinha no ombro. — É óptimo ver-te, a sério. Tenho estado ansioso. Vai ser em grande este ano!

Perante tal entusiasmo não pude deixar de me rir. Eu e Bob partilhávamos uma longa história. Quando eu não passava ainda de uma principiante com dificuldades, Bob oferecera-me um dos meus primeiros empregos. Nessa altura, ele era director de um programa de investigação de problemas de aprendizagem e a abordagem ruidosa, informal e de inspiração *hippy* com que lidava com as crianças carentes e difíceis ao seu cuidado tinha alarmado muita gente na nossa comunidade bastante conservadora. Para dizer a verdade, no início também eu me alarmara um pouco, pois acabara de terminar a formação de professores e não estava muito habituada a pensar pela minha cabeça. Bob dera-me a medida certa de encorajamento e orientação, ao mesmo tempo que se recusava a acreditar em tudo o que eu afirmava ter aprendido no curso. Consequentemente, passei dois anos loucos e estonteantes a aprender a defender-me, tendo simultaneamente descoberto o meu próprio estilo de estar na sala de aula.

Naquela altura, esse ambiente de trabalho foi quase ideal e Bob transformou-me, praticamente sozinho, no tipo de professora que eu viria a ser, acabando até por ter demasiado êxito. Aprendi não só a questionar os princípios e práticas das teorias que me haviam ensinado na universidade como a pôr em causa os do próprio Bob. Havia demasiada psicologia barata e muita quimera na sua abordagem, o que não me satisfazia e, portanto, quando senti que já não podia crescer mais naquele ambiente, passei a outro.

Entretanto, decorreu bastante tempo. Trabalhei noutras escolas, noutros estados, até noutros países. Entrei no ramo da psicologia clínica e investigação, assim como no da educação especial. Cheguei mesmo a passar dois anos totalmente afastada da educação. Nesse período, Bob permanecera na mesma zona e alternara entre o sector público e o privado e entre o ensino regular e o especial. Mantivéramos contacto de uma forma um tanto informal, embora nenhum soubesse exactamente o que o outro estava a fazer e, assim, fora uma excelente surpresa descobrir que Bob era agora o director da nova escola onde, fora colocada.

O nosso sistema público de educação encontrava-se no meio de uma das suas reorganizações aparentemente infundáveis. No ano anterior, trabalhara numa zona escolar próxima como professora de apoio. Deslocava-me de escola em escola para trabalhar com pequenos grupos de crianças e dar apoio suplementar aos professores que tinham alunos com necessidades especiais integrados nas suas turmas. Embora este programa só tivesse sido implementado havia dois anos, o sistema decidiu que não estava a funcionar eficazmente com as crianças mais desfavorecidas. Em consequência, um terço dos professores de apoio recebeu turmas permanentes, que permitiriam que as crianças com comportamentos mais sérios e disruptivos beneficiassem de períodos mais longos com educação especial.

Agarrei a oportunidade de deixar o meu estilo de vida itinerante e ter de novo uma turma, porque gostava muito desse ambiente e achava que se adaptava melhor ao meu estilo de ensino. O facto de ter sido colocada na escola de Bob foi um forte incentivo.

— Espera até veres a sala — dizia Bob enquanto subíamos as escadas. Muitas escadas. — É uma sala espectacular, Torey. Assim que soube que vinhas, quis dar-te um local onde pudesses de facto trabalhar. Normalmente, a educação especial fica com as sobras, mas aí é

que reside a beleza deste edifício, grande e antigo. — Subimos mais um lance de escadas. — Tem muito espaço.

A escola de Bob era um edifício híbrido, uma mistura de um matacão de tijolo de 1910 com uma extensão pré-fabricada acrescentada nos anos 60 para alojar o número crescente de alunos. Foi-me dada uma sala no último andar do edifício velho e Bob falara verdade, pois era uma sala linda, espaçosa, com grandes janelas e paredes pintadas de amarelo-vivo. Tinha um nicho tipo guarda-roupa para guardar os abafos dos alunos. Na verdade, era provavelmente a melhor sala que já me fora destinada. A desvantagem residia no facto de haver três lances de escadas e um corredor a separarem-me da casa de banho mais próxima. O ginásio, a cantina e o gabinete do director ficavam quase noutra galáxia.

— Podes arranjar as coisas como quiseres — dizia Bob enquanto caminhava por entre as pequenas mesas e cadeiras. — E a Julie vem esta tarde. Já a conheces? Vai dar-te apoio. Qual é o termo politicamente correcto do momento? Paralegal? Não... não... coeducador? Não me lembro. Seja como for, só vai cá estar metade do dia, o que é uma pena. Não consegui convencê-los de mais. Mas vais gostar da Julie. Há três anos que está connosco. Vem de manhã dar apoio a um rapazinho com paralisia cerebral que, à tarde, vai para a fisioterapia. Portanto, assim que o enfia na carrinha, é toda tua.

Enquanto Bob falava, eu passeava pela sala, examinando isto e aquilo. Detive-me a admirar a vista das janelas. A rapariga continuava sentada no muro. Observei-a. Parecia-me solitária. Era a única criança no recreio naquele dia, o último das férias de Verão.

— Hoje à tarde dou-te a lista da tua turma — prosseguiu Bob. — Fizemos as coisas de modo a teres cinco miúdos a tempo inteiro e cerca de quinze que vão e vêm, dependendo da ajuda de que precisam. Parece-te bem? Que achas?

Sorri e assenti com um gesto.

— Parece-me óptimo.

Estava a tentar empurrar um arquivador quando Julie chegou.

— Deixa-me ajudar-te — disse ela alegremente, segurando o outro lado. Arrastámo-lo com dificuldade para um canto. — O Bob disse-me que estavas a dar duro cá em cima. Está tudo a correr bem?

— Sim, obrigada.

Era bonita — já não muito jovem —, tinha de ser mais velha do que parecia, mas era magra, com uma estrutura delicada, uma pele pálida e húmida e olhos verde-claros. Tinha uma franja espessa e cabelo comprido e liso de um loiro arruivado, afastado da cara num estilo jovem. Tudo isto fazia com que parecesse ter catorze anos.

— Estou ansiosa por começar — disse, sacudindo o pó das mãos. — Dou apoio ao Casey Muldrow desde o primeiro ano. É um miúdo espectacular, mas estou ansiosa por algo diferente.

— Se procuras algo diferente, provavelmente vais ter sorte — comentei, sorrindo. — Costumo ser boa com a «diferença». — Peguei num friso e desenrolei-o até ao fim. — Estava a pensar pôr isto ali, entre as janelas. Queres dar-me uma ajuda?

Foi então que voltei a ver a criança. Continuava no topo do muro, mas agora havia uma mulher em baixo a falar com ela.

— Aquela menina está sentada naquele muro há cerca de quatro horas — observei. — Já ali estava quando cheguei hoje de manhã.

Julie olhou pela janela.

— Ah, pois. É a Venus Fox. E aquele muro é dela. Está sempre ali.

— Como é que sobe? Deve ter quase dois metros de altura.

— A miúda parece o Homem-Aranha. Consegue subir tudo.

— É a mãe que está com ela? — perguntei.

— Não, é a irmã, a Wanda, que tem um atraso de desenvolvimento.

— Parece demasiado velha para ser irmã da miúda — comentei.

Julie encolheu os ombros.

— Está no fim da adolescência. Talvez já tenha vinte anos. Costumava frequentar a educação especial na escola secundária, mas ultrapassou a idade. Agora parece passar a maior parte do tempo de volta da Venus.

— E a Venus passa a maior parte do tempo sentada num muro. Esta família promete.

Julie ergueu o sobrolho com ar de entendida.

— São nove. Nove miúdos. A maior parte de pais diferentes. E acho que todos estiveram na educação especial a um dado momento.

— A Venus também?

— Certamente. A Venus é muito complicada. — Lançou-me um sorrisinho. — Como vais descobrir em breve. Faz parte desta turma.

— Complicada? — perguntei.

— Para começar, não fala.

Revirei os olhos.

— Mas que surpresa! — Quando Julie deu sinais de não compreender, acrescentei: — Mutismo electivo é a minha especialidade. Na verdade, comecei a estudá-lo quando trabalhei com o Bob num outro programa.

— Bom, pois, esta miúda é mesmo muda.

— Aqui dentro não vai ser.

— Não, não estás a compreender — retorquiu Julie. — A Venus não fala. Quero dizer, não fala mesmo. Não diz nada. Nunca, a ninguém.

— Aqui vai falar.

O sorriso de Julie era bem-humorado, mas vagamente trocista.

— Quem demais confia, mais depressa a cair vem.